

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O LIVRO-REPORTAGEM SOBRE MARIGHELLA E SUA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA

Data de aceite: 03/06/2024

Geovanna Santos de Oliveira

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DESENVOLVIDO

O estudo foi realizado por graduanda de Jornalismo na Universidade Cruzeiro do Sul, após a pesquisa ter sido abandonada pela proponente, da Universidade de São Paulo (USP). Portanto, desenvolvemos uma investigação que havia sido proposta por outra pessoa, e cuja realização, em universidade diferente da inicial, é permitida a pós-doutorandos, como é o caso do orientador desta pesquisa, professor da autora que concluiu o trabalho.

Começamos informando que, inicialmente, foram feitas leituras e fichamentos acerca dos eixos fundamentais de estudo sobre a adaptação do livro-reportagem sobre Marighella para o cinema: tempo, espaço e personagem. Em relação aos dois tipos de longas narrativas, a biografia foi escolhida e compreendida levando em conta a possibilidade de

tratarmos de modo profundo e contextual um personagem relevante para a história brasileira e para aqueles que lidam diretamente com a arte e a comunicação.

Entre as primeiras tarefas da pesquisa bibliográfica, lemos e realizamos o fichamento da obra que gera a adaptação cinematográfica, *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*, de Mário Magalhães (2012), a qual retrata a vida do protagonista de modo jornalístico, como um livro-reportagem. Ele evidencia o movimento militante e a ação de Marighella dentro das organizações políticas contra a Ditadura. Os principais acontecimentos são organizados em cinco partes, com detalhes e investigações aprofundadas sobre a vida de Carlos Marighella.

Outra leitura de base, esta teórica, é *Páginas ampliadas – O Livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, de Edvaldo Pereira Lima (2009), essencial para a compreensão do que fundamenta o fazer jornalístico nesse tipo de produção, que emprega elementos literários no jornalismo. Ainda em relação

às leituras iniciais – esclarecendo, desde já, que esta pesquisa é estritamente bibliográfica, não tendo sido necessária a aprovação pelo Comitê de Ética em pesquisa, por não envolver seres humanos, como nas situações de entrevista – devemos mencionar como leitura fundamental *O tempo na narrativa*, de Benedito Nunes (2013). Entendemos que o tratamento do tempo é amplo, estendendo uma análise dentro das diversas possibilidades na literatura.

Relacionando as duas obras mencionadas anteriormente, e especificando o tempo cronológico do livro-reportagem sobre Marighella adaptado para o cinema, a história é compreendida de modo linear, englobando os acontecimentos nos movimentos naturais da vida e ação do personagem, mostrando as relações de Marighella com o tempo real e com o espaço.

Entre as leituras, houve orientações periódicas, mais de uma por semana no início do trabalho, justamente porque esta pesquisadora estava assumindo uma proposta feita por outrem – mas o que poderia ter sido uma desvantagem, foi compensada pela presença do orientador toda semana, já que leciona no curso de Jornalismo que frequento.

Continuando o relato sobre as leituras iniciais, foi fundamental o artigo *O mapa e a trama*, de Carlos Augusto (2002). Ele tratar dos espaços na literatura, possibilitando uma compreensão dos espaços geográficos dentro do livro-reportagem estudado – afinal, o espaço é um dos três eixos de análise da adaptação cinematográfica. No artigo mencionado, através de uma avaliação crítica do tratamento de ambientes físicos ou psicológicos na literatura brasileira, o autor constrói uma comparação da consolidação espacial relacionando a influências ideológicas, conceitua a indissolubilidade da ligação espaço-tempo e do espaço com a trama, em que se passam as ações do personagem. Pudemos, então, começar a traçar relações entre a teoria e pesquisa, constando, por exemplo, que no livro-reportagem são explorados de maneira ampla os espaços de ação, luta, além dos ambientes de fuga, que são diversos nas diferentes temporalidades políticas vividas por Marighella. O livro-reportagem alimenta a imaginação do leitor acerca das vivências do guerrilheiro até fora do seu país.

Ainda considerando o espaço, mas agora na relação com a obra cinematográfica, alguns parâmetros espaciais do livro-reportagem são mantidos, como a escolha do tratamento linear e cronológico da história, facilitando a compreensão da biografia e prezando pela lógica do filme. Isso quanto às leituras iniciais e suas relações com o espaço. Um segundo momento da pesquisa enveredou por outro eixo, ou objetivo específico, a constituição do personagem principal, o protagonista.

Na obra *A personagem*, de Beth Brait (1995), as características de um personagem plano – que, posteriormente, percebemos terem sido as mesmas no livro-reportagem e no cinema – são esclarecidas, pois “as personagens planas são construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade. Geralmente definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor” (1995, p. 34).

Os recursos cinematográficos como angulação, recortes e planos tratados, como explica Maria Dora Mourão, na obra *O tempo no cinema e as novas tecnologias* (2002), permite a expressão de sua linguagem e evidencia o realismo desse território com a manipulação das técnicas digitais. Apesar das potencialidades da narrativa escrita, é no cinema que a interpretação visual da realidade passa a materializar o pensamento em movimento.

Obviamente, as leituras não puderam estar circunscritas aos três eixos propostos – tempo, espaço e personagem – sem entrar na discussão sobre adaptação cinematográfica, a via central da pesquisa. Assim, no que diz respeito a adaptação, o artigo *Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade*, de Robert Stam (2006), é fundamental para análise da quebra de preconceitos e falsas afirmações de cópia e superioridade do romance em relação ao cinema, ou viceversa. Além disso, o texto mostra que “faz parte de um espectro de produções culturais niveladas e, de forma inédita, igualitárias” (2006, p. 24). Assim, o autor desconstrói a forma moralista acerca das adaptações e elementos como o contexto, tempo no romance e afinidades artísticas, identificados como fundamentais para compreender o que caracteriza uma adaptação, rompendo com falsos argumentos superficiais da visão tradicional sobre a incapacidade de interconexões entre a história, filosofia e o cinema.

Além dessas leituras iniciais, houve outras, além das orientações, conjunto reflexivo e dialogal que levaram às conclusões, conforme descreveremos nos próximos tópicos.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

A presente pesquisa analisa a trajetória de vida de Carlos Marighella em duas longas narrativas, o livro-reportagem *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*, de Mário Magalhães (2012), que exprime de modo amplo e profundo sua vida e ação política durante a opressão de governos autoritários, e o longa-metragem *Marighella* (2021), dirigido por Wagner Moura, que, através de uma produção de cunho ficcional, mas realista, retrata a figura militante do guerrilheiro focando em um período significativo, a luta contra a Ditadura militar instaurada em 1964.

O livro-reportagem, de extrema importância para o jornalismo e para o processo de reflexão acerca do personagem, narra a vida de Carlos Marighella de modo que a investigação e o olhar plural sobre a história narrada em profundidade seja superior ao tratamento costumeiro do jornalismo cotidiano. A produção do jornalista Mário Magalhães promove uma ligação direta com os eixos de objetivo da pesquisa, já que estes se enriquecem e são reconstituídos dentro de um sentido e de tempo mais amplo no livro-reportagem, também ampliando os espaços onde o protagonista atua.

Nesse tipo de produto jornalístico, ocorre a humanização do protagonista através dos recursos fundamentais da apuração de informações, combinada com recursos

da literatura em um veículo não-periódico, como o perfil e a narrativa real no estilo do jornalismo literário. Ao longo deste livro-reportagem-perfil, conforme identificamos, são evidenciadas as circunstâncias da vida de Marighella, personificado a realidade de sua vida. Assim, identificamos a “jornada do herói”, método de estrutura narrativa discutido por Joseph Campbell e citado por Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 55), que ajuda a compreender e identificar elementos da narrativa, também aplicadas no filme.

Com respeito ao tempo, nas duas produções, escrita e cinematográfica, ele é tratado de modo linear e cronológico. Consideramos que isso não empobrece as obras, ao contrário, garante ou, pelo menos, procura garantir a facilidade de compreensão da história. O tempo linear impacta a construção do livro-reportagem e seus desdobramentos, além de, no filme, tornar direta a relação artística para com as adastante direta a a relação com o texto escrito, estabelecendo uma ampliação de leitores e espectadores dos dois produtos midiáticos.

O tempo, no filme Marighella, assim como no livro-reportagem, conta a história do guerrilheiro de modo que os acontecimentos vão sendo construídos em sucessivas ações, do passado para o presente, do antes para o depois. Nas duas obras, o recorte histórico mostra as ações do líder de maneira linear, até sua morte.

Segundo Benedito Nunes em *O tempo na narrativa* (1988), o tratamento do tempo ligado à narrativa instaura uma ordem de possibilidades diversas, mas não a indissociação com o espaço, que na obra cinematográfica é mais notório do que no livro-reportagem. Contudo, em no texto escrito e nas telas, a partir da sequências relativas a diversas ações de guerrilha, com início na cidade, mas que se expandem para o campo, é ressaltada a escolha e o tratamento dos fatos o modo sequenciado. Enfim, isso é perceptível através da vida e ações de Marighella dentro de um período de grande repressão, mostrar sua força ideológica dentro das organizações clandestinas e o seu lado humano.

Maria Dora Mourão, em *O tempo no cinema e as novas tecnologias* (2002), conceitualiza o tempo dentro desse meio a partir da linguagem narrativa e especifica o tempo narrativo em simultaneidade. São fundamentos da obra ficcional que tornam possível a análise da organização da ideia de “tempo real”, tempo que engloba o momento presente, capaz de atingir o telespectador através dos recursos de continuidade narrativa, articulação de imagens e sons, montagem de imagens paralelas e horizontais. No filme sobre Marighella, os uso específico do plano detalhe, geral e primeiro plano resalta a noção de tempo dentro não somente na duração da obra, como na duração cênica dos atores e dos conflitos do personagem protagonista, ajudando na caracterização deste, por exemplo ressaltando a ideia de realismo que se quer atingir.

O aspecto de simultaneidade, fundamental para compreender as diferenças temporais nos dois objetos de estudo, sem a imagem presente no cinema, pelo menos no sentido óbvio e direto, é gerador do desdobramento dos acontecimentos em ordem sucessiva no livro-reportagem, alimentando a capacidade de imaginação através da lógica

temporal. No filme, por efeito da projeção múltipla e sequencial de imagens, o tempo se torna concomitante porque a visualização se impõe, levando o telespectador para o tempo presente da narrativa. As ações simultâneas das fugas em espaços diferentes, vivenciadas pelos personagens gurrilheiros e pelo protagonista, é possível no cinema devido essa possibilidade de trabalhar as diversas ações.

Quanto ao espaço da adaptação cinematográfica, é realista, com um espaço geográfico fundamentando tal realismo, mostrando a casa, lugares de fuga, de ataque do guerrilheiro a bancos, por exemplo, e os espaços públicos em que mostra as cenas de conflito. Esses espaços dialogam com a temporalidade do livro de forma bastante fidedigna, falicitando a compreensão da biografia.

Nesse sentido, no que diz respeito ao protagonista, o tempo em relação ao espaço é fundamental para a as cenas de ação, como ataques armados, ou na cena em que o ator Humberto Carrão com seu personagem Humberto joga uma bomba no prédio com a bandeira norte americana. As ações se dão pela composição dessas imagens e a noção de tempo é afetada pela escolha dessas angulações e recortes. A movimentação da câmera reflete e afeta o tempo nas cenas, tanto em relação a duração dos conflitos armados, quanto na duração do tempo do personagem. Isso se dá nos momentos em que há a movimentação sequencial, como o “traveling”, em que as ações e passos dos personagens são acompanhados dando a sensação de momentos apreensivos dos ataques que poderiam ocorrer a qualquer momento.

Um movimento requer paragens e interrupções, assim como a narrativa, pausas e elipses. O tempo da história para e do discurso prossegue na pausa que corresponde à descrição, um quadro estático salientando o espaço na ficção realista-naturalista. (NUNES, 1988, p. 34).

O tempo dentro da ação cênica sempre será o tempo presente, mesmo que ela se localize no passado, ou seja, mesmo se tratando do período do golpe militar, a encenação e relação entre os atadores se torna verdadeira porque é feita construindo uma noção de presencialidade, presente e presentidade. Constatamos que isso é diferente no livro-reportagem, que antecipa os fatos, pode oscilar no tempo, recuar, acelerar, mesmo que, de forma geral, opte pela narrativa de ordem cronológica.

Não se deve atribuir a uma só causa - a influência no cinema - a dilatação espaço temporal do romance moderno, que é concordante com o sistema cubista das perspectivas múltiplas nas artes plásticas e com o primado do tempo no pensamento teórico. Mas há entre o desenvolvimento da forma romanesca, que se relaciona com a quebra da ordem cronológica da narrativa e a conquista pelo cinema de uma linguagem própria (cortes, planos, angulações), uma impressionante convergência. (NUNES, 1988, p. 50).

Percebemos na pesquisa teórica e, especialmente, na observação das narrativas, que o tempo na cinematografia deve ser observado em ampla dimensão, uma vez que todos esses recursos mencionados se modificam conforme o desenvolvimento da narrativa, mas também é preciso compreender essa mudança não exclusivamente como uma opção de uso da técnica do tratamento de cena que esse objeto possibilita, mas como um refinamento artístico.

Neste ponto, devemos fazer novamente referência a *O mapa e a trama*, de Carlos Augusto, segundo o qual o espaço está irremediavelmente unido ao tempo. Constatamos isso no livroreportagem e no cinema, porque o tempo pressupõe uma variação de sentidos, o que diversifica e amplia os contextos sociais, políticos e econômicos que, a partir do anseio à autoafirmação individual, como a do protagonista Marighella, refletem-se em qualquer trama. A obra, apesar de ser uma ficção, não deixa de explorar os espaços com fidelidade e de apresentar conexões com o real, ou seja, os espaços geográficos retratam um homem ligado ao meio em que vive, especificamente espaços físicos e reais adaptados pela produção das narrativas em livro e no cinema, através da mensagem que se quer passar.

O enredo é o que possibilita essa interligação entre o espaço real e tempo cronológico, que se concretiza dentro da organização dos discursos e das ações no contexto político do filme. Assim, o ápice da cinematografia vai concentrando através dos espaços de ação do partido, com uma intencionalidade ideológica e crítica ao mostrar não só o que ocorreu com Marighella e com todos aqueles que lutavam contra a opressão, mas também ao focar nos reflexos ideológicos em relação à atualidade. Isso evidencia uma das semelhanças dos objetos aqui estudados, livro-reportagem e filme, que, ao tratar desses ambientes, concretiza a conexão de realidade geográfica com o imaginário, sem anular as verdades factuais e sem limitar a amplitude das obras e dos espaços retratados.

É necessário compreender que a composição do espaço também reflete no personagem, já que pode determinar características físicas e ideológicas dele. Marighella era baiano, mas vive sua vida política de maneira mais profunda em São Paulo, juntamente de estudantes e de pessoas ligadas a atividades políticas. O personagem é moldado, também, no contato com lideranças estrangeiras, nas quais ele se inspirava e estabelecia relação com sua luta armada e ideológica no Brasil. Assim, quando se trata do espaço, é preciso compreender que, além da relação direta com o tempo, ele descreve na criação artística uma significativa qualidade do que compõe o personagem. Um exemplo da interligação do espaço e personagem é a heroicização de sua figura.

No filme, Marighella é mostrado além de sua posição e liderança política, em características físicas como sua cor de pele e regionalidade, rompendo com a marginalização da figura de um homem preto não pertencente à elite branca. Isso é possível porque em diversos locais em que o protagonista aparece, há a figura de líderes e personagens que lutam pela democracia. Nesse sentido, a associação entre o urbano e rural deve ser

destacada no que diz respeito à análise dos espaços da cinematografia e sua capacidade de exploração, fundamental para compreender o movimento e lugares de inserção da luta armada, que não se restringiu à cidade. A relação entre a desigualdade da presença de movimentos ideológicos em massa nos dois cenários marca a luta de militantes que tinham como objetivo acabar com a exclusão de uma grande parcela da sociedade brasileira.

Isso constroi um espaço político, em que se encontra o poder que dirige a sociedade. No filme, esses espaços são carregados de construções ideológicas mas ações dos encenadores, revelando uma leitura acerca dos ambientes de ameaças democráticas constantes e as lideranças associadas a esses locais, que perseguiram Marighella. É preciso sempre deixar evidente o fato que em todos os conceitos de espaço teorizados e presentes nas duas produções, tem maior exploração no livro-reportagem, que detalha e descreve esses locais a partir dos recursos literários e imagéticos, que no cinema são substituídos por sobreposição de imagens em movimento, mais rápidas.

O filme nos possibilita compreender os espaços geográficos e os psicológicos de cada personagem, através das relações com os espaços narrativos. “O cinema nos oferece a possibilidade de inquirir o real através do impulso imaginativo e da prova documental, de fazer ressuscitar o passado e atualizar o futuro, de conferir a uma imagem fugaz mais pregnância do que o espetáculo cotidiano é capaz de oferecer” (MARTIN, 1990, p. 81).

A relação da descrição dos ambientes na adaptação não se limita na fidelidade de retratar esses espaços, mas como são feitos os redimensionamentos para organizar a história dentro de um perfil contemporâneo, criativo e brasileiro, rompendo com a possibilidade de ser uma arte apenas descritiva de esgotamento e subordinada a uma produção de consumo e de massa. Na pluralidade desses locais, a diversidade e complexidade da existência humana é consolidada de modo objetivo e, ao mesmo tempo, profundo, sem a imposição, nem limitação de atributos ficcionais.

Quanto ao personagem central, Marighella, primordialmente foram identificados elementos do processo artístico realizado por Seu Jorge, cantor que atuou como ator, para construir e apresentar a persona do revolucionário. Uma primeira constatação é que é através do livro-reportagem que o leitor é mais orientado sobre concepções do protagonista, principalmente para aqueles que não possuem um conhecimento sobre a história nacional. Do ponto de vista da constituição do protagonista, Marighella é um personagem plano, referencial e condutor da ação. Ou seja, ele é construído ao redor de uma única ideia, mas isso não anula sua complexidade, ao contrário, ressalta suas características, especialmente a de obstinado guerrilheiro, tanto no livro-reportagem, quanto no cinema.

Previsível em suas características – não em suas ações - ele não reserva uma qualidade surpresa. Isso porque é referencial, com uma perspectiva fixa, dentro de uma cultura e de um momento político. E isso contribui para que seja marcante sua construção como herói. E é condutor da maioria das ações, ou lhes dá o primeiro impulso, postura decorrente da necessidade de acabar com a repressão através da luta armada.

Na obra *A personagem de ficção* (2021), os textos de Antônio Cândido e Paulo Emílio Salles nos mostram que a personagem no romance e a personagem cinematográfica, de maneira objetiva, ajuda o leitor a identificar as qualidades relacionadas a estes meios. Inevitavelmente, é preciso que a construção do personagem esteja interconectada a elementos cênicos, não só ao enredo, apesar de ser uma das maiores forças. Entendemos que o personagem é um paradoxo, um ser fictício, mas que ao mesmo tempo é manifestado de modo verdadeiro. Ou seja, apesar de Marighella ter existido, a construção do personagem do filme é um trabalho do diretor Wagner Moura e do ator Seu Jorge, assim como, no livro-reportagem, de Mário Magalhães, e com isso é preciso criar afinidades, verossimilhança.

Em longas narrativas é possível desenvolver melhor a complexidade do personagem. Marighella é objeto de diversas discussões sobre sua personalidade e princípios políticos que, dentro da análise de personagem no livro-reportagem e no cinema, se configura no aspecto psicológico e em suas ações. A morte possibilitou um recorte definitivo de seus atos e pensamentos, fixando de modo verossímil sua figura. Por isso, a construção da personagem resulta de um conjunto de traços, como, por exemplo, monólogos e discursos ressaltados pela comunhão com outros personagens.

Tanto no livro-reportagem, quanto no filme, o leitor e o telespectador se encontram a partir do personagem central, figura real com muitas camadas, ou aspectos. Marighella, mesmo sendo plano e mantendo desde o começo das narrativas seu objetivo e ideal, é um ser complexo – tem amores, saudades, dúvidas. A criação de um personagem se dá a partir de suas paixões, medos, de sua individualidade e de seus comportamentos em grupo. No livro-reportagem e no filme, o guerrilheiro é retratado por várias perspectivas: de militante, pai de um jovem rapaz que acaba sendo ameaçado pela influência política do pai, como um líder, um amante, em sua relação com a conjuntura política do país, seu ideário. O personagem nos parece real quando a narrativa parece mostrar tudo a seu respeito.

Quanto à adaptação em si, concluímos que a obra cinematográfica, adaptação do livro-reportagem, propõe uma narrativa como prática intertextual. Ou seja, uma produção audiovisual repleta de transposições diretas e de referências indiretas ao texto escrito, construindo especificidades e afinidades potenciais das duas narrativas. Há um diálogo entre a arte e a realidade social, que é transformada em uma representação artística, mas não é uma cópia exata, nem deveria ser.

Como compreendemos com Silva (2009), o cinema contemporâneo, através de longas-metragens ficcionais, tem feito muitas adaptações literárias, mas menos de livros-reportagem, como é o caso desta pesquisa. As representações simbólicas englobam essencialmente a diversidade de pensamentos e valores, assim como as similaridades possíveis entre as duas narrativas. Se há uma tendência ou necessidade do cinema se inspirar em textos escritos, literários ou jornalísticos, cada um deve realizar, como verificamos, suas próprias possibilidades estilísticas. Não deve haver uma fidelidade exata – que seria impossível - ao original, mas uma recriação dos elementos dentro dos contextos narrativos, ideológicos e estilísticos de cada tipo de história, escrita e filmada.

A abordagem analítica de uma adaptação cinematográfica deve, portanto, partir do pressuposto de que o livro e o filme nele baseado são dois extremos de um processo que comporta alterações de sentido em função do fator tempo, a par de tudo o mais que, em princípio, distingue as imagens, as trilhas sonoras e as encenações das palavras escritas e do silêncio da leitura” (XAVIER, 2003, p.61).

A prática intertextual é uma recriação da profunda da investigação jornalística de Mário Magalhães no cinema. Abaixo, a tabela mostra as características do livro-reportagem e do filme, através dos eixos principais de análise, o tempo, o espaço e o protagonista.

LIVRO-REPORTAGEM	FILME
PERSONAGEM: Plano Investigação ampla das várias facetas do personagem. Tem maior foco na sua ação como guerrilheiro no período da Ditadura instaurada no Brasil em 1964, contra a qual promoveu a luta armada.	PERSONAGEM: Plano Apresentação deste através dos signos e características psicofísicas marcantes, como força física e obstinação ideológica. Mostra também sua humanização através de cenas em conjunto com sua família.
TEMPO: linear Maior desenvolvimento temporal da vida do guerrilheiro em relação ao filme, com início na sua infância, passando por sua ação política com início na década de 1930, no governo Vargas, e se estendendo durante o golpe de 1964, até sua morte em novembro de 1969.	TEMPO: linear e cronológico Delimitação temporal de sua ação política durante o golpe de 1964. Esse recorte temporal mais restrito que no livro-reportagem se dá por conta da própria natureza da adaptação, que, apesar de resultar em um longa-metragem, se concentra no principal período de atividades do protagonista.
ESPAÇO: Maior exploração e detalhamento de espaços físicos. Os espaços geográficos explorados no livro- reportagem são diversos como os da organização dos partidos, espaços urbanos e rurais, países da Europa e cidades brasileiras.	ESPAÇO: Locais realistas, físicos, mas concentração naqueles relativos aos chamados “anos de chumbo”, na ditadura civil-militar instaurada no Brasil em 1964. Grande concentração em espaços internos, especialmente esconderijos.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA UNIDADE

Durante a realização do projeto de iniciação científica alocado na Universidade de São Paulo (USP) no ano de 2022, foi possível a atividade da pesquisadora participando da primeira Semana de Cultura e Extensão no Departamento de Comunicação.

Na ocasião, realizou-se a participação como ouvinte nas aulas abertas, palestras, mostras e oficinas do curso de jornalismo e audiovisual relacionados a esta pesquisa. O conhecimento interligado com esse trabalho foi ampliado através dessa exploração.

Mesmo sendo aluna de outra instituição, a Universidade Cruzeiro do Sul, foi possível participar da semana acadêmica da USP como ouvinte nas apresentações de outras pesquisas de iniciação científica e de grupos de pesquisa abertos como No olho do furacão brasileiro: filmes colaborativos de urgência face à atualidade política brasileira (apresentações e mostras), e História e Audiovisual: circularidades e Formas de Comunicação (grupo de pesquisa).

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS COM APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Enquanto este relatório final era redigido, foi realizada a inscrição deste trabalho de pesquisa para apresentação no Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica (SIICUSP), em sua 31ª edição. Através do evento será possível a primeira integração com outros pesquisadores, além da divulgação dos resultados encontrados, parte fundamental da construção de competências necessárias ao desenvolvimento acadêmico.

PARTICIPAÇÃO EM ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS CIENTÍFICOS NA UNIDADE

Apesar do item se referir, obviamente, à Universidade de São Paulo, como realizamos esta pesquisa como graduanda de outra instituição, a Universidade Cruzeiro do Sul, devemos informar que esta pesquisadora participou da organização da Semana Acadêmica de Jornalismo no ano de 2023.

As atividades consistiram no planejamento de oficinas, palestras e mesas sobre temáticas da profissão dentro do tema gerador Jornalismo em Defesa da Democracia. Foram promovidos encontros de alunos, professores e coordenação do curso para a adequação das temáticas e convidados sugeridos; organizamos a recepção dos palestrantes e a mediação da mesa “Ética no jornalismo: o Caso Escola Base sob Dois Olhares”, com os convidados Ricardo Shimada e o professor e jornalista Emílio Coutinho, ambos autores de livros-reportagem aquele que é considerado o maior erro da imprensa brasileira.

AVALIAÇÃO FINAL DA PESQUISA BEM COMO SEUS DESDOBRAMENTOS

Através desta pesquisa foram concebidas as possibilidades de atuação e aprofundamento em assuntos jornalísticos e literários no livro-reportagem, em sua adaptação cinematográfica, que, por sua vez, dialogam diretamente com temáticas de grande interesse desta pesquisadora: as artes cênicas, as grandes narrativas jornalísticas e personagens importantes da história do Brasil.

A Iniciação Científica incentivou a leitura e compreensão de autores e autoras do campo jornalístico, filosófico, literário e cinematográfico. Isso, certamente, ajuda a construir uma base mais sólida para atuação na profissão de jornalista e para a descoberta e especialização de assuntos de extrema relevância social, política e, essencialmente, de reflexão, todos a acrescentar na formação acadêmica.

Ao longo desse estudo, o processo de indagações e busca por fontes de pesquisa foi constante, o que promove um desafio na compreensão de delimitação de estudo objetivo dentro de um determinado tempo, ao mesmo tempo em que se torna mobilizador para futuros desdobramentos.

Acreditamos também que compreendemos, ou começamos a compreender a relevância da pesquisa científica, sua seriedade e contribuição para a construção não só da personalidade desta pesquisadora, mas da constituição de um país que precisa, e muito, de cientistas, e de mais mulheres praticando tal atividade, especialmente porque passamos por um período político de negacionismo da ciência, com consequências desastrosas.

REFERÊNCIAS

MAGALHÃES, Mário. **Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRAIT, Beth. **A personagem**. Série princípios. 2ªed. 1985.

BENICÁ, Mariana Marcon. **Adaptação de livros para o cinema e sua influência na formação de leitores**. Revista Práticas da Linguagem, Juiz de Fora. Vol. 6, n.1. p.63-83. Janeiro/julho, 2016.

CAMARGO, Luís. et al. (Org.) **Literatura, cinema, televisão**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2004.

GOMES, Paulo Emílio Salles. Candido, Antonio. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.- 13ª ed. p.51-80. p.103-119.

GUTFREIND, Cristiane Freitas. **Figuras do mal no filme biográfico brasileiro**. Significação: revista de cultura audiovisual, Vol.40, n.40, 2013.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2009.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueredo. **O mapa e a trama- Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Editora da UFSC, 2002.

MOURÃO, Maria Dora. **O tempo no cinema e as novas tecnologias**. Vol.54. São Paulo, 2002.

NUNES, Benedito. O tempo na narrativa. São Paulo: Ática, 1988.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. **Adaptação literária no cinema brasileiro contemporâneo: um painel analítico**. RuMoRes, [S.1.], v.2, n.4, 2009.

STAM, Robert. **Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade**. Ilha do Desterro, Florianópolis, n.51. Julho/dezembro, 2006.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. 4ª ed. Rio de Janeiro, 2021.

XAVIER, Ismail Norberto. **Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema**.